

## O MOVIMENTO REGIONALISTA E TRADICIONALISTA E A SEU MODO TAMBÉM MODERNISTA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

---

Fernando de Mello Freyre  
Presidente da Diretoria  
Executiva do IJNPS

Antes de abordar alguns aspectos do Movimento Regionalista, faz-se necessário ressaltar algumas informações sobre o que foram o Centro e o 1o. Congresso Regionalista do Nordeste. Acrescento que todas estas informações constam de jornais da época. Há quem diga que o Manifesto não foi lido por ocasião do 1o. Congresso Regionalista. Acontece que foi lido um texto por Gilberto Freyre. Apenas Gilberto Freyre não disse, naquela ocasião, que estava lendo um manifesto. Mas qual o sentido exato da palavra manifesto? *O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* nos esclarece sobre os verdadeiros significados dessa palavra. Quando usada como substantivo, segundo o ilustre dicionarista, o mestre Aurélio, manifesto pode significar: "Coisa manifestada, declaração pública ou solene das razões que justificam certos atos ou em que se baseiam certos direitos, programa político, religioso ou estético", etc. E, o que Gilberto leu no Congresso Regionalista foi o que vinha sendo o Movimento Regionalista. O que ele leu tanto poderia se chamar programa ou manifesto, o que importa são as idéias contidas no texto.

O Centro Regionalista do Nordeste foi fundado no dia 5 de maio de 1924 na casa de Odilon Nestor na Rua do Paissandu, 382, no bairro da Boa Vista, no Recife, com o intuito de defender as tradições e promover os interesses do Nordeste. Estavam presentes, nesse dia, Moraes Coutinho, Alfredo Freyre, Amaury de Medeiros, Gilberto Freyre e Antônio Inácio. Moraes Coutinho, por sugestão de Gilberto Freyre, foi designado para dirigir o programa básico, conforme pudemos constatar em diversos jornais da época.<sup>1</sup> Foram

eleitos para compor a Diretoria: Presidente do Centro, Odilon Nestor; Secretário-Geral, Gilberto Freyre; Secretário-Adjunto, Antônio Inácio; Bibliotecário-Tesoureiro, Alfredo Freyre. O Centro ficava localizado na Rua do Impeador, 446 — Recife, escritório de Odilon Nestor. Sobre o assunto trata o DP de 18-05-24. Convém reproduzir, aqui, o programa do Centro, como publicado:<sup>2</sup>

1o. — O Centro Regionalista do Nordeste, com sede no Recife, tem por fim desenvolver o sentimento de unidade do Nordeste, já tão claramente caracterizado na sua condição geográfica e exploração histórica e, ao mesmo tempo, trabalhar em prol dos interesses da região nos seus aspectos diversos: sociais, econômicos e culturais;

2o. — Para isto será o Centro constituído e organizado dentro do espírito de comunhão regional, aproveitando os bons elementos de inteligência nordestina, com exclusão de qualquer particularismo provinciano, quer quanto às cousas, quer quanto às pessoas;

3o. — O Centro conservará a sua ação livre das injunções das correntes partidárias, colaborando com todos os grandes movimentos políticos que visem o desenvolvimento material e moral do Nordeste;

4o. — Perante o Governo da União, o Centro defenderá os interesses do Nordeste na sua solidariedade, sem sacrificar as questões fundamentais da região as vantagens particulares de cada Estado;

5o. — A fim de congregar os elementos de vida e da cultura nordestina, o Centro procurará: a) Organizar conferências, exposições de arte, visitas, excursões; b) Manter em sua sede biblioteca e sala de leitura, onde se achem representadas as produções intelectuais do Nordeste no passado e no presente, um congresso regionalista; d) Editar nova revista de alta cultura "O Nordeste", dedicada especialmente ao estudo das questões nordestinas e ao registro da vida regional".

O 1o. Congresso Regionalista do Nordeste, realizado de 7 a 11 de fevereiro de 1926, na cidade do Recife, contou na sua organização, inicialmente, com a participação de Carlos Lyra Filho, Moraes Coutinho e Gilberto Freyre, na definição do seu programa de teses,<sup>3</sup> e posteriormente, com a colaboração de uma comissão especialmente designada pelo Centro Regionalista do Nordeste, órgão promotor, e composto de Moraes Coutinho, Luiz Cedro e Odilon Nestor para a elaboração do regimento interno.<sup>4</sup> O seu programa geral estava assim definido: *1 Problemas Econômicos e Sociais* — 1o.

Unificação econômica do Nordeste. Ação dos poderes públicos e dos particulares. 2o. Defesa da população rural. Habitação, instrução, economia doméstica. 3o. O problema rodoviário do Nordeste. Aspecto turístico, valorização das belezas naturais da região. 4o. O problema florestal. Legislação e meios educativos. 5o. Tradições da cozinha nordestina. Aspectos econômico, higiênico e estético. *II Vida Artística e Intelectual* — 1o. Verificação da vida cultural nordestina. Organização universitária. Ensino artístico. Meios de colaboração intelectual e artística. Escola primária e secundária. 2o. Defesa da fisionomia arquitetônica do Nordeste. Urbanização das capitais. Planos para pequenas cidades do interior. Vilas proletárias. Parques e jardins nordestinos. 3o. Defesa do patrimônio artístico e dos monumentos históricos. 4o. Reconstituição de festas e jogos tradicionais.<sup>5</sup>

A instalação do 1o. Congresso Regionalista do Nordeste se deu no dia 7 de fevereiro de 1926. E é o Diário de Pernambuco, em edição de 09-02, página 3, que registra: "Brilhantemente concorrida foi a inauguração do 1o. Congresso Regionalista do Nordeste, domingo, às 20 e meia horas, no salão nobre da Faculdade de Direito, evidenciando-se, assim, o interesse que começa a despertar o movimento regionalista". E continua: "A sessão foi presidida pelo dr. Odilon Nestor, Presidente do Centro Regionalista do Nordeste". E mais adiante, após transcrever palavras do Dr. Moraes Coutinho, que fora encarregado de apresentar e esclarecer o programa do movimento regionalista nas suas tendências e idéias gerais, registra o Diário: "Fixou o orador em seguros traços a distinção entre "regionalismo" e "separatismo", recordando o conceito de Alberto Torres sobre a irrealidade da federação no Brasil, mostrou que o regionalismo era uma força, um movimento, no sentido de verdadeira e sincera federação brasileira. Deu o sentido de tradição — sentido vivo, criador, desembaraçado do sentimentalismo como do formalismo que tendem à estagnação ou à cópia servil das formas do passado — que anima ao movimento regionalista do Nordeste". "Nesta mesma reunião Ascenso Ferreira declamou os versos de um sabor particularmente regionalista dos seus poemas "Samba", "Sertão" e "Catimbó", o artista alagoano Manoel de Lima, cego, executou vários trechos ao violão e no realejo e o Dr. Samuel Campello recitou versos de sua lavra", é o que registra o Jornal do Commercio, do Recife, em sua edição de 9 de fevereiro de 1926. E é, ainda, o mesmo Jornal que noticia: "O dr. Odilon Nestor agradeceu o comparecimento das pessoas presentes, tendo antes, o Secretário, sr. Gilberto Freyre, procedido à leitura do expediente, constante de um ofício do dr. Costa Rego, Governador de Alagoas, delegando ao dr. Odilon Nestor plenos poderes para representar o referido Estado no Congresso; um telegrama do dr. João Suassuna, Presidente da Paraíba, comunicando ter nomeado seu representante o dr. Joaquim Inojosa e outro do dr. Nestor

Figueiredo representante do Instituto Nacional de Arquitetos, de bordo do "Curvello", congratulando-se com os membros do Centro pela instalação do Congresso. Ao lado do presidente sentaram-se o sr. Gilberto Freyre, secretário, e dr. Netto Campello, diretor da Faculdade de Direito, seguindo-se o capitão Alfredo d'Agostini, representante do sr. Governador do Estado, dr. Salomão Filgueira, representante do sr. Governador do Rio Grande do Norte, dr. Anibal Fernandes, Secretário de Justiça e Instrução; dr. Samuel Hardman, Secretário da Agricultura; dr. Amaury de Medeiros, Diretor do Departamento de Saúde e Assistência; dr. Sophronio Portella e outros lentes da Faculdade, exmas. famílias, magistrados, comerciantes, estudantes, jornalistas e representantes de todas as classes sociais".

As reuniões plenárias do 1o. Congresso Regionalista do Nordeste foram realizadas nos dias 8, 9, 10 e 11 no salão de conferências do Departamento de Saúde e Assistência. Várias teses foram apresentadas como: "Festas e jogos tradicionais na Paraíba", por Coriolano de Medeiros; "Higiene Cerebral", por José Otávio de Barros; "Apontamentos sobre reflorestamento ou silvicultura", por J. Mário Cunha; "O progresso social e a arquitetura tradicional", por Amaury de Medeiros; "A estética e as tradições da cozinha nordestina", por Gilberto Freyre; "A loucura das secas"; por Gouveia de Barros; "A fisionomia das cidades nordestinas", por Moraes Coutinho; "Como fomentar a arquitetura no Brasil", por Gastão Bahiano; "Defesa Arquitetônica do Nordeste", por Nestor de Figueiredo; "A flora nordestina e a arborização das cidades", por Samuel Hardman; "Uma cadeira de estudos nordestinos nos cursos superiores", por Odilon Nestor; "Conservação do Patrimônio Artístico Nacional", por Luiz Cedro.

"O primeiro Congresso Regionalista do Nordeste foi encerrado com um jantar nordestino no Departamento de Saúde e Assistência no dia 11 de fevereiro pelas dezenove e meia horas". É o que registra o Jornal do Comercio do dia 12-02-1926.

"Ao pospasto, ergueu-se o dr. Amaury de Medeiros, que leu o discurso oficial de encerramento. Ergueu-se após o sr. Gilberto Freyre e propôs que o 2o. Congresso Regionalista se realizasse na capital da Paraíba, em outubro de 1927. O orador justificou a sua proposta com frases incisivas. Disse que sempre Pernambuco e Paraíba estiveram unidos no seu passado e continuam no presente, pela tradição e pela história. Falou após, o dr. Joaquim Inojosa, representante da Paraíba. Em nome desse Estado congratulou-se com a realização do Congresso, que, disse, não se limitou à idéia de regionalismo, antes a uniu a de brasilidade e patriotismo, pela conservação do que de brasileiro nos deixou o passado, sem que isto constitua uma oposição ao espírito mo-

derno, ao espírito de progresso. Agradeceu, ainda, a proposta do sr. Gilberto Freyre, afiamando que o governo e os filhos da Paraíba recebiam com entusiasmo a idéia de efetivar-se na sua capital o 2o. Congresso Regionalista. O presidente do Congresso, dr. Odilon Nestor, refere-se ao espírito regionalista como uma ânsia ainda a classificar-se sem duro ou definitivo contorno. O 1o. Congresso Regionalista fora esboço de um grande movimento a firmar-se, a definir-se, a adquirir vitorioso relevo". É o registrado pelos jornais.<sup>6</sup>

Dadas estas informações, tentaremos tecer algumas considerações sobre o Movimento Regionalista.

Grande é a importância do Movimento Regionalista que partiu da cidade do Recife e veio a ter importância nacional pelas influências que iria desencadear. Por isto, entendo que o tema sempre foi do interesse do Recife, dos recifenses, ou pelo menos ligado a eles. Críticos, ensaístas, escritores de vários gêneros literários, artistas plásticos, cientistas sociais já se pronunciaram sobre a importância que veio a ter para o Brasil o Movimento Regionalista que, em 1976, teve comemorado o cinquentenário da realização do seu 1o. Congresso.

Voltava Gilberto Freyre, em 1923, dos seus estudos nos Estados Unidos e Europa e continuou a publicar, principalmente no Diário de Pernambuco — colaboração iniciada em 1918 com a série "DA OUTRA AMÉRICA" — artigos que já continham as principais idéias que iriam formar o texto lido, em fevereiro de 1926, por ocasião do Congresso Regionalista. Sobre estes artigos — que contém o embrião do famoso Manifesto e, talvez, de toda a obra que vem realizando — é que irei me deter mais particularmente. Li quase todos. E pude neles constatar a preocupação do seu autor, o seu brado de alerta e o seu apelo para que o Brasil, principalmente o Recife, não fosse descaracterizado por cosmopolitismos desfiguradores de uma cultura que, se ameaçada, poderia ameaçar o que o País possuía de mais caracteristicamente seu. Em artigo datado de 7 de setembro de 1924, de número 74, no Diário de Pernambuco, vemos Gilberto Freyre defender a culinária regional, a defesa que se estende em sugestão para que na Exposição Geral de Pernambuco, que haveria no Derby, fosse instalada uma seção de culinária e confeitaria pernambucana. Depois de dizer que, com certeza, os requintados haveriam de sorrir com essa idéia, afirma naquele mesmo artigo o escritor que viria a ser o autor de *Casa Grande & Senzala e Assúcar*: "Seja como for, é esta a idéia do pavilhão: um pavilhão de quitutes. Quitutes pernambucanos. Quitutes de milho, feijão e farinha de mandioca; ensopados e peixes condimentados com leite de côco; o doce de noz ralada, a cocada, a água de côco

com o clássico "catarro". E o doce de caju seco. Doce de caju em calda. E pé-de-moleque fartamento condimentado com a castanha de caju. E matuty. E doce de goiaba em calda e em massa. E doce de araçá. E geléia de goiaba. E todos esses doces e bolos de que outrora eram as donas de casa que desciam à cozinha para tomar o ponto; arroz-doce; e a canjica; e "manguzá" e "grudes" e quantas cousas nos deixou a glutoneria dos engenhos". Essas palavras de Gilberto Freyre vêm precedidas de comentários sobre a importância da cozinha, da culinária, para a cultura de um país. No Manifesto de 1926, vemos o autor dissertar sobre a idéia e, em certo trecho, afirmar: "... a verdade é que não só de espírito vive o homem: vive também do pão — inclusive do pão-de-ló, do pão-doce, do bolo que é ainda pão. Não só com os problemas de belas artes, de urbanismo, de arquitetura, de higiene, de engenharia, de administração deve preocupar-se o regionalista: também com os problemas de culinária, de alimentação, de nutrição". Gilberto Freyre chama a atenção para a culinária que era das mais ricas do mundo na variedade, a culinária que portugueses, africanos e indígenas, haviam deixado para o brasileiro como uma das suas melhores e mais valiosas heranças, e que hábitos alimentares, acompanhando cosmopolitismos então em voga podiam descaracterizar. Nesses seus artigos numerados, que vão de 1923 a 1925, vemos Gilberto Freyre defender o regionalismo. Uma defesa de trajes ecológicos, moradias compatíveis com o clima, — o caso dos mocambos quando saneados — da arquitetura, adaptada à nossa ecologia; da criação de museus nacionais; de "cafés" brasileiros; de hotéis com características brasileiras. O apelo para que os nossos pintores viessem a pintar a nossa paisagem tão rica de motivos; a preservação de estátuas, nomes de ruas, móveis; a defesa das árvores e da madeira, da vestimenta. Vemos, também, o apelo para que escritores aproveitassem a temática regional, que criassem livros para crianças que falassem das nossas lendas, defendendo, em alguns casos, a superstição entranhada no espírito dos nacionais, através das histórias que falam e falavam de "mães-d'água", "caiporas". Quem se der ao trabalho de ler estes artigos, poderá constatar as sementes, as verdadeiras sementes do que viria a ser o chamado Manifesto Regionalista. Não apenas nesses artigos, mas igualmente na organização do livro comemorativo do centenário do Diário de Pernambuco, quando ele próprio escreveu, além da introdução, três ensaios incluídos nesse livro de tão importante significação para a nossa História Social.

O que é de admirar é que um quase adolescente estivesse já imbuído por uma visão tão lúcida e profunda do Brasil; que um quase adolescente viesse a influenciar não só a sua geração e gerações posteriores a sua, mas que, naquele momento, tivesse exercido decisiva influência também sobre gerações anteriores à dele, Gilberto Freyre: influência sobre Odilon Nestor, Estácio Coimbra, Júlio Belo, Luiz Cedro e tantos outros. De um Gilberto

Freyre que trouxe para os seus contemporâneos brasileiros, depois de sua convivência com Franz Boas, Giddings, Vachel Lindsay e Amy Lowel, indicações de leituras revolucionárias para a época. A este respeito diz o notável ensaísta que foi Renato Carneiro Campos: "Desde 1923, quando do seu regresso da Europa, Gilberto Freyre vem tentando esboçar um rumo artístico de conteúdo permanente não só para os brasileiros como para todos os povos tropicais: o seu regionalismo em grandes dimensões. Apesar de ser um bem nascido, de ter feito sistematicamente todos os estudos universitários graduados e pós-graduados nos Estados Unidos e ter freqüentado meios universitários da Europa, os seus olhos não desprezaram nossos valores . . . Por essa época, jovens artistas e escritores desarvorados e sem caminho, que viam no Brasil uma pobre terra de mestiços e que não enxergavam o material para suas artes por estar tão próximos, sufocados por tirania acadêmica em pleno furor, encontraram em Gilberto Freyre um guia moderno e, ao mesmo tempo, selecionador e protetor dos nossos melhores motivos regionais e tradicionais. Ninguém foi mais de sua época e do próprio futuro na procura de uma arte nova que refletisse a sociedade e a vida do seu tempo e que tivesse larga projeção por todas as épocas".

Concordo com essas palavras de Renato Carneiro Campos. É que, o mesmo Gilberto Freyre que defende a tradição na nossa cultura, uma tradição que não representa o apego ao imobilismo social, — mas a defesa dos nossos valores culturais —, foi quem escreveu o que talvez seja o mais importante livro de futurologia já publicado no Brasil: *Além do Apenas Moderno*. Por isto, não é ele, Gilberto Freyre, intérprete só de uma época, pois lança a sua interpretação sobre o futuro, ele que foi o autor da idéia do tempo tríplice onde passado, presente e futuro se interpenetram na busca de uma visão mais abrangente e sempre atualizada dos valores nacionais e transnacionais.

Volto a citar Renato Carneiro Campos falando sobre Gilberto Freyre: "Ele entrou em contato vivo com os problemas de sua geração. não se deixou ficar hirto e plantado num gabinete de estudos, movido pelo gosto de escrever para eruditos, receoso da opinião asperamente pública. E mais do que cientista como Boas, Giddings e Seligman, dos quais foi discípulo, o contato com as idéias de Maurras, Frédéric Mistral, Yeats, Ramon Lulio, Angel Ganivet, as leituras de ensaístas-filósofos como Nietzsche e Walter Pater, de romancistas como Hardy, dos dois Lawrences, de escritores russos que ele considerava tão próximos do Brasil, o convívio com o crítico H. L. Mencken, as leituras e releituras de Proust, Joyce e Eça de Queirós, o contato ainda com o Movimento Expressionista alemão (Teatro, pintura e literatura), levaram-no a criar e organizar o chamado "Movimento Regionalista e Tradicionalista", ao seu modo revolucionário no sentido da mais pura modernidade e

que tanta repercussão iria ter na cultura brasileira, sem alto-falantes nem clarins''<sup>8</sup>

Citei estas palavras de Renato Carneiro Campos, desse tão jovem e talentoso ensaísta prematuramente desaparecido do nosso convívio, para mostrar, mais uma vez, que Gilberto Freyre ao chegar ao Brasil não enveredou, após contato tão aproximado com grandes escritores estrangeiros da época, por um caminho de falso eruditismo apartado da realidade brasileira. Pelo contrário, o seu afastamento temporário do Brasil parece haver dado ao então quase adolescente um poder maior de ver e sentir toda a pujança da cultura brasileira que alguns cétricos acreditavam ser inferior ou mesmo inexistente — o que nesse caso deve-se a imperdoável ignorância ou a visões distorcidas por um cosmopolitismo, já naquela época, agressivo.

O geógrafo e pesquisador Tadeu Rocha, na introdução do seu ensaio *Modernismo e Regionalismo*, diz: "O primeiro regionalismo nordestino valorizou o homem e as coisas deste pedaço do Brasil, numa interpretação realista dos nossos fatos históricos, sociais e econômicos. E também criou uma nova mentalidade antiacademista no meio dos jovens intelectuais do Nordeste, que puderam cristalizar as suas idéias nos estudos históricos e geográficos, no ensaio sociológico, no romance social e na poesia regionalista ou profundamente humana". E mais adiante dá o seguinte depoimento: "Foi o Regionalismo Tradicionalista, com as suas raízes bem nordestinas e as suas preocupações renovadoras, que vacinou esta parte do Brasil contra o artificialismo do Movimento Modernista do Rio e São Paulo".

Estou de acordo com as afirmativas de Tadeu Rocha. Entendo ter sido o ânimo de compreender e fazer mais compreendidas as verdadeiras origens, formação e exteriorização da cultura brasileira que levaram Gilberto Freyre a liderar este Movimento que iria exercer decisiva influência sobre escritores e artistas, músicos e arquitetos, profissionais liberais, políticos e administradores, homens de ação em busca de caminhos brasileiros para a resolução de problemas nacionais. O Manifesto foi também — e não apenas isto — uma convocação para que fossem preservados valores culturais ameaçados, já naquela época, por modernismos cosmopolitas. Repele, entretanto, os nacionalismos extremados e comprovadamente perigosos quando descambam para fanatismos políticos a refletirem intolerâncias prejudiciais à convivência dos povos.

Quase contemporâneo do Movimento Regionalista, — sendo anterior, porque de 1922 — o Movimento Modernista, lançado na semana que ficaria célebre em São Paulo e no Brasil, teve, sem dúvida, notável influência na cul-

tura brasileira, sendo um movimento mais contestador de valores antigos, e mais que antigos: arcaicos, do que mesmo um Movimento interpretador da cultura brasileira, o que não tira a importância do movimento liderado entre outros por Mário e Oswald de Andrade. O que não me parece justo é o fato de alguns críticos desejarem realçar um movimento como o Modernista em detrimento do Regionalista.

Mauro Mota em ensaio publicado na revista *Ciência & Trópico* sobre "*O Manifesto Regionalista e a poesia*", traça perfis comparativos entre os movimentos Modernista de 1922 e Regionalista de 1926. É ele quem afirma: "O Modernismo representou a reação contra fórmulas vigentes, mas sem criar as que deveriam substituí-las. Os vínculos de um Mário de Andrade, de um Jorge de Lima, de um Carlos Drummond, de um Manuel Bandeira, de um Murilo Mendes, de um Cassiano Ricardo, com o movimento de 1922 seriam apenas cronológicos. Tão diversos um do outro, não se fizeram grandes poetas ouvindo discursos nem assinando panfletos". E continua o grande poeta e escritor Mauro Mota em seu magistral ensaio: "Ao contrário do Movimento Regionalista de 1926, que teve e tem uma filosofia, tais as vigências dos seus métodos e de suas diretrizes. Por mais que, sob o domínio de faccionismos interestaduais, alguns historiadores sociais ou literais o excluam ou reduzam em comentários e até citações o Movimento Regionalista de 1926 no Recife, comandado pelos estudos de Gilberto Freyre e por Gilberto Freyre em pessoa, significou o início de uma fase nova na cultura brasileira, aí tida, não em termos de localização geográfica ou cronológica, mas em termos do espírito mais autenticamente brasileiro, que ganharia espaço, tempo e seguidores nas diversas regiões brasileiras, sem perda das características de cada uma".<sup>9</sup>

Também não se pode negar é que já na série denominada "*Da outra América*" surgiam os artigos de Gilberto Freyre em jornais do Recife, especialmente no Diário de Pernambuco, pregando um regionalismo que nada tinha de separatismo. Era um regionalismo, o defendido por Gilberto Freyre em vários artigos de jornal entre os anos 18 e 25 e, posteriormente, no texto lido em 1926, durante o 1o. Congresso Regionalista do Nordeste, que defendia o estudo do que fosse regional para uma melhor compreensão do que fosse nacional. A defesa de uma visão que descesse às raízes regionais da nossa formação cultural, dos vários Brasis que, só aparentemente de modo contraditório, formam um grande Brasil. Era um regionalismo, é um regionalismo, o defendido por Gilberto Freyre e os seus companheiros que com ele fizeram o Movimento Regionalista, que em vez de se chocar com o que seja ou fosse nacional ou transnacional, vinha ao encontro de uma maior visão do Brasil e do mundo, a partir das nossas peculiaridades culturais. É que a força da nacionalidade brasileira, da nação e do seu povo, está, por vezes, numa diver-

sidade que forja, numa contradição apenas aparente, uma grande unidade cultural. Pela extensão territorial de país-continental, abrigando diferentes regiões geográficas, não se poderá ter uma visão exata do que seja nacionalmente brasileiro sem o conhecimento do que seja regionalmente brasileiro. E isto, aliás, já entendera o grande Tolstoi ao dizer: "Se queres ser universal, pinta bem a tua aldeia".

Da influência de Gilberto Freyre, já em 1923, temos o depoimento do grande romancista brasileiro José Lins do Rego, que foi buscar no regionalismo dos seus romances um universalismo que nada tem a ver com cosmopolitismos apátridas. Diz o autor de *Fogo Morto*, que considero uma das obras-primas do romance brasileiro: "Em 1923, havia ele chegado da Europa. E andava em verdadeiras núpcias com a terra, após quase 6 anos de ausência. Todo o Brasil lhe parecia uma festa de luz, cor, num deslumbramento. Os seus primeiros artigos eram como cartas de cronista saltando de caravela. Mas um cronista lúcido, de lucidez de quem via criticando, sentindo valores, verificando erros". Mais adiante, — estou citando o prefácio de José Lins do Rego ao livro *Região e Tradição*,<sup>10</sup> — volta o romancista nordestino a afirmar: "Fui vendo que havia o Brasil, que havia uma grandeza brasileira, com raízes sólidas, plantada no lusitano que tanto se desprezava. O retorno desse nativo era como o de um noivo que viesse mesmo para se casar com a terra e que se quisesse integrar inteiramente nela. Eu pensava que tudo aquilo lhe devesse repugnar; tudo lhe deveria ser desagradável, a ele que estivera nas civilizações mais requintadas. E pelo contrário. O Pernambuco que Gilberto Freyre queria para a sua paixão, para os seus regalos, para a sua ternura, era o Pernambuco que ninguém via, o subterrâneo, o íntimo, o que dera senhores de engenho fidalgos, os padres rebelados, os bispos trágicos e o povo capaz de expulsar os holandeses e fazer o carnaval mais alegre do mundo. O povo simples das revoluções liberais e o povo camaradeiro dos bumba-meu-boi e o povo triste dos maracatus.

Vi Gilberto Freyre por este tempo voltado à terra, querendo casar-se com a terra. Era ele então amigo do arcebispo de Olinda, do Pai Adão, do Velho Dudu, sócio do Clube das Pás. O nativo aceitava a sua Pátria, mas o seu amor não era de cego, de alucinado. Era o amor de quem examinava, de quem descobria os defeitos, e se indignava contra os que, pretendendo melhorar, destruíam ou aleijavam o que ainda havia de realmente grande em Pernambuco e no Brasil".

Não acredito que existam dúvidas quanto as afirmações desse grande romancista brasileiro, mas se alguém quiser ser um "São Tomé" que procure as coleções de Jornais da época. Pois, o que queria ressaltar neste breve en-

saio era a influência de Gilberto Freyre, a defesa do regionalismo, antes do lançamento do manifesto de 1926. Falar de artigos onde aparece um Gilberto Freyre exultante com a visita que Einstein fez ao Rio, por exemplo, onde o grande cientista declarava a Assis Chateaubriand e a outros interlocutores, ser um fascinado pelos aspectos regionais da cultura brasileira. Em artigo do Diário de Pernambuco datado de 5 de abril de 1925, intitulado: *Einstein Regionalista*, Gilberto Freyre fala sobre um Einstein elogiando as velhas ruas do Rio, do seu encantamento, em Portugal, com a elegância das varinas. Neste mesmo artigo o autor de *Casa Grande & Senzala* afirma textualmente: "Nunca um estrangeiro fez entre nós uma mais nítida apologia do nacionalismo e até do regionalismo".

É ainda Tadeu Rocha que nos fala da grande influência do Movimento Regionalista em Alagoas.<sup>11</sup> Da importância da presença de José Lins do Rego naquele Estado, difundindo, juntamente com os artigos de Gilberto Freyre em jornais que lá chegavam, as idéias do Regionalismo entre alguns escritores que, mais tarde, viriam a ser nacionalmente conhecidos, como foi o caso, por exemplo, do grande poeta Jorge de Lima. No início do capítulo IV do seu livro, Tadeu Rocha é taxativo ao afirmar: "O Regionalismo Tradicionalista não só libertou Jorge de Lima dos cânones parnasianos". Já o capítulo XII é iniciado com a seguinte declaração esclarecedora: "As repercussões do Regionalismo Tradicionalista não foram exclusivamente literárias. E se não alcançaram, como em Pernambuco, os domínios das artes plásticas, atingiram porém outros setores culturais — a História, a Sociologia e a Linguística". Referia-se o idôneo escritor alagoano Tadeu Rocha a influência do Movimento em Alagoas, que ele considera "a mais importante sucursal do Regionalismo Tradicionalista". Outro idôneo escritor alagoano, também nacionalmente conhecido pelos seus trabalhos sociológicos e literários, Manuel Diêgues Júnior, por ocasião do cinquentenário do Congresso Regionalista, em prefácio que fez à edição comemorativa deste mesmo cinquentenário,<sup>12</sup> afirmou: "O movimento do Recife, traduzido em expressões literárias e artísticas, procurava uma valorização dos elementos regionais, que através da pintura, do desenho, da música, da literatura, evidenciassem o espírito criador de sua gente. É assim que surgem, ou desenvolvem sua criação, na utilização da temática regional, poetas como Ascenso Ferreira, ou Manoel Bandeira, pintores como os Rego Monteiro, Manuel Bandeira, pintor, Luís Soares, Luís Jardim, críticos como Olívio Montenegro, psicólogos como Sylvio Rabello, e vários outros nomes que poderiam ainda ser lembrados.

Este movimento teria, como era natural, repercussão nos Estados vizinhos, e daí também surgiram novas idéias criativas dentro do espírito de regionalismo que animava o movimento. Nele, ou nas idéias que o movimen-

to regionalista aflora, inspiram-se novos nomes como Jorge de Lima ou José Lins do Rego, ou José Américo de Almeida, por exemplo”.

Não sou, não é o autor destas notas, um cientista-social nem um escritor. Sou um administrador, temporariamente ocupando honroso cargo público. Mas como administrador, homem que lida e sempre lidou com escritores, poetas, pesquisadores e cientistas sociais, aprendi a respeitá-los quando idôneos e realmente criadores. Pois julgo que aos administradores não deve faltar o conhecimento mais aprofundado do Brasil, de movimentos culturais e de obras que tragam uma visão mais ampla e abrangente da realidade nacional. Portanto, sou um leitor que tem as suas admirações e, às vezes, toma a liberdade de manifestá-las de público. Tenho uma grande admiração pelo Movimento Regionalista Tradicionalista e, a seu modo, Modernista. Uma admiração que não poderia silenciar pelo fato de ser filho do seu principal incentivador. Certa vez, em homenagem prestada a Gilberto Freyre pelo transcurso dos 40 anos de publicação de *Casa Grande & Senzala*, dizia eu: “Confesso que não consigo me apartar de forte emoção: a do filho que muito admira o pai, quer o escritor, quer o amigo que, tantas vezes, tem se prolongado, pela compreensão e permanente mocidade em companheiro. E, não raramente, tenho-o surpreendido mais jovem do que eu mesmo, na sua maneira de viver sem se esconder da vida, de homem que enfrentou perigos, conheceu o exílio, injustiças, incompreensões, aplausos e reconhecimentos, sem deixar nunca de ser homem da sua terra, da sua cidade e até da sua arredia Apipucos e que, pela força do seu pensamento criador, se estende, tantas vezes, em cidadão do mundo”. A seguir, tentava me justificar em palavras que talvez me absolvam da pretensão de escrever estas impressões, sem ser escritor ou cientista social: “Temia revelar, em momento como este, a admiração filial. Mas, vi que não poderia desertar deste momento e desta admiração, porque julgo que uma das maiores capacidades que se possa ter é a da admiração. Admiração não apenas de filho por pai, de pai por filho, de amigo por amigo, de apreciadores de obras de artes por artistas, de cidadãos comuns por esportistas e políticos; a vida é uma série de admirações e repulsas, das quais não devemos nos furtar”.

E, se tento escrever algumas notas sobre o Movimento Regionalista, Tradicionalista e, a seu modo, Modernista é porque entendo que nada nos sobriga de externar a admiração de que somos possuidores. Outros com maior poder de análise já demonstraram a sua admiração por este Movimento: escritores, educadores, artistas plásticos, homens de ciência e de governo, homens de ação, cidadãos do mundo e até homens que se costuma chamar do povo. Uma admiração que é bem mais confortadora em brasileiros que encontraram através deste Movimento e das obras dos seus vários integrantes uma maior e mais exata visão do Brasil.

O próprio Instituto que, atualmente, tenho a honra de dirigir foi criado através de projeto de lei da autoria de Gilberto Freyre, quando deputado federal por Pernambuco. É um Instituto de pesquisa, uma casa de ciência, onde o espírito do Manifesto ainda repercute nos jovens pesquisadores. Repercute pelo que nesse Manifesto há de permanente, de busca de meios ao estudar e revelar uma realidade brasileira que jamais será flagrada se desprezarmos as suas particularidades regionais. Apenas aparentemente um Movimento como esse pode parecer contraditório ao ser ao mesmo tempo regionalista e ecumênico, com olhos no regional sem cegueira para o que seja nacional e até transnacional. A influência desse Movimento que ajudou o despertar de alguns brasileiros, contribuindo para que o Brasil se reencontrasse com a sua verdadeira identidade cultural, continua influenciando escritores e artistas plásticos, cientistas sociais, educadores e homens temporariamente investidos em funções governamentais. Influenciou e ainda alerta a todos aqueles que desejam um Brasil grande e forte, não apenas geográfica e economicamente, mas, também, culturalmente vigoroso nas exteriorizações do seu povo. Fortalecer os nossos valores culturais é o que pretende, também, a Política Nacional de Cultura, lançada pelo ex-ministro Ney Braga, com o apoio do Conselho Federal de Cultura. Uma valorização do regional que José Lins do Rego tão bem expressou com estas admiráveis e lúcidas palavras sobre o que seja o verdadeiro espírito desse regionalismo defendido por Gilberto Freyre e seus companheiros — da sua geração, e de gerações anteriores e posteriores a sua: "A este regionalismo poderíamos chamar de orgânico, de profundamente humano. Ser da sua região, de seu canto de terra, para ser-se mais uma pessoa, uma criatura viva, mais ligada à realidade. Ser de sua casa para ser intensamente da humanidade".

### NOTAS DE REFERÊNCIA

- 1 — A NOTÍCIA, Recife, 07 de maio 1924; *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 jul. 1924. DIÁRIO de Pernambuco, Recife, 06 de maio 1925
- 2 — JORNAL do Brasil, Rio de Janeiro, 25 jul. 1924; *Diário de Pernambuco*, Recife, 29 ago. 1924; *A Imprensa*, Natal, 01 abr. 1925.
- 3 — DIÁRIO de Pernambuco, Recife, 05 Mar. 1925.
- 4 — DIÁRIO de Pernambuco, Recife, 15 maio 1925.
- 5 — A IMPRENSA, Natal, 01 abr. 1925; *Diário de Pernambuco*, Recife, 15 jan. 1926; *A União*, Paraíba; *Jornal do Commercio*, Fortaleza; *A Notícia*, Recife, 15 jan. 1926.
- 6 — DIÁRIO de Pernambuco, Recife, 12 fev. 1926. O JORNAL, Rio de Janeiro, 13 fev. 1926; *Jornal do Comércio*, Recife, 12 fev. 1926.

- 7 – FREYRE, Gilberto. *Vida, forma e cor*. Pref. de Renato Carneiro Campos. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1962. p. 10, 11.
- 8 – Ibidem, p. 10, 11.
- 9 – MOTA, Mauro. O manifesto regionalista e a poesia. *Ciência & Trópico*, Recife, 4(2): 143-157, jul./dez. 1976.
- 10 – FREYRE, Gilberto. *Região e Tradição*. Pref. de José Lins do Rego. 2 ed. Rio de Janeiro, Record, 1968.
- 11 – ROCHA, Tadeu. *Modernismo & Regionalismo*. 2 ed. Maceió, Imprensa Oficial, 1964. il. 334p.
- 12 – FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. 6 ed. Recife, IJNPS, 1976. 80p. (Série documentos, 6).
- 13 – ANDRADE, Mário de. *O movimento modernista*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1942.
- 14 – ARTIGOS de Gilberto Freyre publicados entre os anos de 1918 e 1925 no Diário de Pernambuco, Série "Da outra América".
- 15 – BOLETIM INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. 1(1), Recife, 1952.
- 16 – CASTELO, José Aderaldo. *José Lins do Rego; modernismo e regionalismo*. São Paulo, EDART, 1961. 212p. (Coleção Visão do Brasil, 4).
- 17 – FREYRE, Gilberto. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1941. 266p.
- 18 – \_\_\_\_\_ Social Life in Brazil in the middle of the Nineteenth Century. *The Hispanic American Historical Review*. New York, 5(4):597-630, Nov. 1922.
- 19 – INOJOSA, Joaquim. *A arte moderna; o Brasil brasileiro*. Rio de Janeiro, Ed. Meio Dia, 1977. 178p. Edição Comemorativa do cinquentenário do Diário de Pernambuco.
- 20 – \_\_\_\_\_, *Carro alegórico; nova resposta a Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro, Olímpica Ed., 1973. il 214p.
- 21 – LAFETÁ, João Luiz. *A crítica e o modernismo*. São Paulo, Duas Cidades, 1974. 214p. (Série Universidade, 3).
- 22 – O LIVRO DO NORDESTE comemorativo do primeiro centenário do Diário de Pernambuco, 1825-1925. Recife, Diário de Pernambuco, 1925.
- 23 – MARTINS, Wilson. O modernismo 1916-1945. In: — *A literatura brasileira*. 2 ed. São Paulo, Cultrix, 1967. v.6.
- 24 – MENOTTI DEL PICHIA, P. *O homem e a morte*. São Paulo, Martins, 1968. 151p. (Semana de Arte Moderna).
- 25 – MOTA Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*. 2 ed. São Paulo, Ática 1977 (Ensaio, 30).
- 26 – TALES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. 4 ed. Petrópolis, Vozes, 1977. il. 334p.